



**PBPC**  
ISSN 2674-9432



Qualis A3  
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex



Indexado no  
Acadêmico

## ***Fake News na Vacinação: Estratégias Educativas no Enfrentamento da Desinformação em Saúde***

Eloísa Helena Figueira Fróes<sup>1</sup>, Maria Eduarda Silva Oliveira<sup>2</sup>, Débora Socorro Coêlho Alves<sup>3</sup>, Dimas Melo Gonçalves<sup>4</sup>.



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2025v4n2p2329-2344>

Artigo recebido em 1 de Setembro e publicado em 26 de Outubro de 2025

### **REVISÃO DE LITERATURA**

#### **RESUMO**

Uma das estratégias mais eficientes para prevenir doenças infecciosas e promover a saúde pública é a vacinação. No entanto, a propagação de notícias falsas prejudicou a confiança da população nas vacinas, contribuindo para a hesitação vacinal e dificultando o alcance das metas epidemiológicas. O objetivo deste estudo foi revisar a literatura científica recente a respeito dos efeitos das *fake news* na vacinação e identificar as principais abordagens educativas utilizadas para combater a desinformação. Foi conduzida uma revisão narrativa integrativa da literatura, utilizando as bases SciELO, Google Scholar e PubMed, com foco em publicações de 2018 a 2025. Sete estudos foram escolhidos, incluindo relatos de experiência e análises de conteúdo, que examinaram os impactos das *fake news* e estratégias de letramento científico e midiático focadas na promoção da imunização. Os resultados indicaram que a desinformação passou de boatos isolados a um fenômeno organizado e politizado, com grande impacto social e na mídia. Verificou-se que medidas intersetoriais e constantes em instituições de ensino e comunidades contribuem para aumentar a confiança nas vacinas e melhorar o acesso a informações de qualidade. Conclui-se que o combate à desinformação requer estratégias permanentes de educação, comunicação e aproximação entre ciência e sociedade.

**Palavras-chave:** Desinformação; Educação em Saúde; Fake News; Hesitação Vacinal; Saúde Pública; Vacinação.

# Fake News in Vaccination: Educational Strategies to Combat Health Misinformation

## ABSTRACT

One of the most efficient strategies to prevent infectious diseases and promote public health is vaccination. However, the spread of *fake news* has damaged the population's confidence in vaccines, contributing to vaccine hesitation and making it difficult to achieve epidemiological goals. The objective of this study was to review recent scientific literature on the effects of *fake news* on vaccination and identify the main educational approaches used to combat misinformation. An integrative narrative review of the literature was conducted, using the SciELO, Google Scholar and PubMed databases, focusing on publications from 2018 to 2025. Seven studies were chosen, including experience reports and content analysis, which examined the impacts of *fake news* and scientific and media literacy strategies focused on promoting immunization. The results indicated that misinformation went from isolated rumors to an organized and politicized phenomenon, with great social and media impact. It was found that intersectoral and constant measures in educational institutions and communities contribute to increasing confidence in vaccines and improving access to quality information. It is concluded that the fight against misinformation requires permanent strategies of education, communication and rapprochement between science and society.

**Keywords:** Disinformation; Fake News; Health Education; Public Health; Vaccination; Vaccine Hesitancy.

Instituição afiliada – Faculdade Santa Teresa - Manaus

**Autor correspondente:** Eloísa Helena Figueira Fróes, Maria Eduarda Silva Oliveira, Débora Socorro Coêlho Alves e Dimas Melo Gonçalves, [eloisahelenafigueirafroes@gmail.com](mailto:eloisahelenafigueirafroes@gmail.com), [madudsoliveira1810@gmail.com](mailto:madudsoliveira1810@gmail.com), [deboracoelho.ies@gmail.com](mailto:deboracoelho.ies@gmail.com), [dimasmelogoalves@gmail.com](mailto:dimasmelogoalves@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

A vacinação é vista como um dos maiores triunfos da saúde pública, desempenhando um papel crucial na erradicação e controle de doenças que, em séculos anteriores, causavam elevadas taxas de mortalidade e impediam o avanço social. A partir da criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI) em 1973, o Brasil se tornou um modelo mundial em campanhas de vacinação, assegurando que as vacinas sejam disponibilizadas de maneira universal e gratuita por meio do Sistema Único de Saúde (Brasil, 2022).

No entanto, nas últimas décadas, tem-se observado uma queda preocupante nas taxas de vacinação, especialmente entre crianças, adolescentes e gestantes. Isso reacende o alerta para o ressurgimento de doenças anteriormente controladas. A disseminação de informações falsas ou distorcidas sobre vacinas, frequentemente referida como *fake news*, é um dos principais fatores que contribuem para essa redução. Com a expansão das redes sociais digitais, essas informações se espalham de forma rápida e atingem um grande número de pessoas, impactando diversas faixas etárias e minando a confiança da população nas autoridades de saúde e profissionais da área (Fiocruz, 2022). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) chamou esse fenômeno de infodemia, que se caracteriza pela excessiva quantidade de informações verdadeiras ou falsas, dificultando o acesso a conteúdos verificados e levando a decisões erradas sobre a imunização.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021) e autores como Wardle e Derakhshan (2021) destacam que as *fake news* não afetam apenas a esfera da dúvida pessoal, mas também têm consequências coletivas e políticas ao minar a confiança na ciência e dificultar a gestão de crises de saúde pública, como a pandemia de COVID-19. Nesse contexto, entender o papel da comunicação, da ciência e da educação na redução desses impactos se tornou uma demanda urgente para a saúde pública.

Nesse cenário, o objetivo principal deste artigo é avaliar o efeito das *fake news* na vacinação e reconhecer táticas educativas eficientes para combater a desinformação. As perguntas que guiam a pesquisa são: de que maneira as *fake news* afetam a adesão



vacinal no Brasil? e quais abordagens educacionais e comunicativas têm se mostrado eficazes para aumentar a confiança nas vacinas?

Portanto, entender o papel da educação e da comunicação no combate à desinformação é fundamental para aumentar a confiança pública nas vacinas e assegurar a eficácia das políticas de imunização.

O aprofundamento desse debate não só enriquece o campo da saúde coletiva, mas também fortalece a cidadania e o pensamento crítico frente aos desafios informacionais atuais.

Ademais, é fundamental entender que o combate à desinformação sobre vacinas vai além da simples correção de informações falsas; é necessário promover uma cultura de confiança entre a sociedade e a ciência. Esse processo exige o fortalecimento das instituições de saúde pública, a promoção do letramento científico e midiático da população e a atuação ética dos veículos de comunicação. Entender criticamente as informações que circulam nas redes sociais, juntamente com a valorização das evidências científicas, é um dos principais métodos para diminuir a hesitação vacinal e incentivar a participação consciente nas campanhas de imunização. Dessa forma, a educação em saúde é uma ferramenta fundamental não só para informar, mas também para capacitar a população frente aos desafios políticos e informacionais atuais.

## **METODOLOGIA**

Este artigo se apresenta como uma revisão narrativa integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e descritiva, destinada a examinar as principais pesquisas científicas sobre o fenômeno da desinformação vinculada à vacinação. Esse tipo de estudo é adequado para compilar, examinar e resumir o conhecimento já existente sobre um assunto específico, possibilitando a identificação de progressos, lacunas e direções futuras.

A investigação foi realizada entre agosto e outubro de 2025, nas bases de dados SciELO, Google Scholar e PubMed, por serem repositórios de acesso aberto e amplamente reconhecidos na área da saúde. Foram utilizados os descritores: vacinação,



*fake news*, desinformação, hesitação vacinal, imunização e educação em saúde, combinados por meio de operadores booleanos “AND” e “OR” para refinar as buscas.

Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados de 2018 a 2025, em português e inglês, que discutissem os efeitos das *fake news* na vacinação e as estratégias educativas para combatê-las. Foram removidos trabalhos duplicados, estudos não revisados por pares, textos opinativos e publicações sem relação direta com o tema proposto.

A análise dos dados foi conduzida em três etapas: (1) leitura exploratória e seleção dos artigos relevantes; (2) extração e organização das informações em fichas de leitura; e (3) categorização temática dos achados, dividida em três eixos principais: disseminação das *fake news*, impactos sociais e sanitários, e estratégias de enfrentamento e educação em saúde.

Como limitações metodológicas, ressalta-se a escassez de estudos empíricos nacionais e a variedade de contextos analisados, o que limita a possibilidade de generalizar os resultados. Mesmo assim, o método empregado permitiu a identificação de padrões consistentes na literatura e ofereceu suporte teórico e prático para lidar com a desinformação vacinal.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

A desinformação a respeito das vacinas é um fenômeno complexo e com várias dimensões, tendo origens históricas em contextos socioculturais caracterizados pelo medo, desconfiança e baixa alfabetização científica. De acordo com Wardle e Derakhshan (2021), a desinformação gera um ecossistema informacional no qual informações falsas ou alteradas são deliberadamente espalhadas, aproveitando-se das emoções e empregando uma linguagem convincente para obter mais engajamento social. O crescimento das redes digitais acelerou essa tendência, convertendo a informação em um produto consumido de maneira rápida, fragmentada e nem sempre verificável.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) apresentou o conceito de infodemia



para se referir ao grande volume de informações verdadeiras ou falsas, que circulam em situações de emergência de saúde pública, tornando mais difícil a identificação de conteúdos confiáveis e enganosos. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021) endossa essa visão, considerando a infodemia uma ameaça mundial e ressaltando que a falta de uma comunicação transparente e a desconfiança nas instituições de saúde favorecem a disseminação de boatos, rumores e teorias da conspiração.

Segundo a Fiocruz (2022), a desinformação a respeito de vacinas no Brasil está ligada a dois fatores principais: a diminuição da confiança nas instituições e a ausência de estratégias de comunicação que estejam alinhadas às políticas públicas. Esse contexto destaca a importância de iniciativas contínuas de letramento científico e midiático, que habilitem os cidadãos a analisar, avaliar e disseminar informações de maneira crítica e responsável.

Garcia e Massarani (2022) enfatizam que a comunicação científica precisa se conectar com as realidades sociais das comunidades, convertendo a linguagem técnica em discursos que sejam compreensíveis e afetivos. A falta dessa intermediação aumenta a separação entre o conhecimento acadêmico e o saber popular, permitindo a propagação de notícias falsas. Lewandowsky et al. (2021) afirmam que o enfrentamento da desinformação requer uma estratégia interdisciplinar que integre psicologia, comunicação e políticas públicas, pois crenças falsas continuam a existir mesmo após correções factuais, fenômeno denominado efeito de retrocesso (*backfire effect*).

Estudos recentes sugerem que combater a desinformação vai além da verificação de fatos; envolve também a criação de laços de confiança entre a ciência e a sociedade (OMS, 2023; Silva & Mendes, 2024). Essa perspectiva se relaciona com o pensamento de Freire, que considera a educação em saúde uma prática emancipatória, capaz de fomentar o empoderamento informacional e o protagonismo social (Freire, 1987; ampliado por Fiocruz, 2022). Essas perspectivas defendem que o diálogo e a participação ativa são fundamentais para mudar a realidade informacional.

Silva e Mendes (2024) constataram, em pesquisa realizada com instituições de ensino públicas no Brasil, que iniciativas interdisciplinares que combinam biologia, comunicação e cidadania têm ajudado a diminuir a hesitação vacinal entre os jovens. De forma semelhante, Massarani et al. (2021) descobriram que o envolvimento digital com



conteúdos sobre vacinação cresceu oito vezes durante a pandemia de COVID-19, evidenciando a influência das redes sociais na disseminação e na correção de informações falsas. Esses resultados destacam a importância de estratégias de comunicação mais envolventes e constantes.

Assim, as pesquisas analisadas indicam que as medidas mais eficazes são aquelas fundamentadas na educação dialógica, na escuta ativa e na intersectorialidade, com a participação de universidades, mídia e profissionais de saúde (OPAS, 2021). Assim, o desafio atual não se limita a combater as *fake news*, mas a fomentar uma cultura de confiança na ciência, apoiada por práticas de comunicação que sejam éticas, transparentes e participativas.

Essas visões reforçam a ideia de que o combate à desinformação requer a colaboração entre ciência, educação e comunicação, por meio de políticas públicas que promovam o letramento científico e midiático desde os primeiros anos da educação básica. Reforçar a conexão entre escola, universidade e serviços de saúde é fundamental para restaurar a confiança social nas vacinas e estabelecer uma cultura de responsabilidade coletiva. Dessa forma, a revisão da literatura mostra que o combate às *fake news* exige estratégias éticas, participativas e interdisciplinares, apoiadas pela educação crítica e pelo reconhecimento do conhecimento científico como ferramenta de emancipação social.

Estudos recentes destacam a relevância da literacia científica e midiática como ferramenta fundamental no combate à desinformação. Pennycook e Rand (2023) afirmam que cultivar o pensamento crítico, entender a estrutura das mensagens e avaliar a confiabilidade das fontes são etapas essenciais para diminuir a propagação de notícias falsas. Para os autores, a luta contra a desinformação vai além de um processo técnico de verificação de fatos; é um compromisso educacional constante que visa conscientizar os cidadãos sobre o papel social da ciência e da informação.

Assim, fica evidente que a desinformação sobre vacinação é um problema que vai além da comunicação e requer uma estratégia organizada, fundamentada em evidências e no envolvimento social. Os autores revisados concordam que o conhecimento científico deve ser democratizado por meio de estratégias educacionais acessíveis e duradouras, que consigam traduzir a ciência em uma linguagem compreensível para o

público em geral. Assim, é fundamental que as instituições de saúde, as escolas e os meios de comunicação trabalhem em conjunto para garantir que a população receba informações confiáveis de maneira clara, ética e inclusiva, a fim de reduzir a hesitação vacinal e reforçar o compromisso coletivo com a saúde pública.

A revisão da literatura mostra que o fenômeno da desinformação demanda respostas integradas que unam conhecimento técnico, responsabilidade social e educação crítica, constituindo a base teórica para as análises e a metodologia expostas neste artigo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação dos sete estudos escolhidos mostrou que a desinformação ligada à vacinação aparece como um fenômeno social organizado, de múltiplas causas e duradouro, sendo intensamente afetado por elementos políticos, culturais e tecnológicos. Além de distorcer informações científicas, as *fake news* criam narrativas que geram desconfiança e medo, o que prejudica a adesão da população às campanhas de vacinação.

Os artigos revisados apresentaram metodologias diversificadas, abrangendo relatos de experiência, análises de conteúdo e estudos qualitativos de campo.

Quadro I – Síntese dos principais estudos incluídos na revisão

<b>Autor/Ano</b>	<b>Tipo de Estudo</b>	<b>Público/Contexto</b>	<b>Principais Resultados</b>
Massarani et. al. (2021)	Análise de conteúdo	Redes Sociais	Engajamento com conteúdos sobre vacinação aumentou 8x; desinformação passou de sites não profissionais para veículos com manchetes sensacionalistas.
Ramos et. al. (2025)	Relato de experiência	Escolas públicas de ensino	Atividades lúdicas e rodas de conversas com 532 alunos;



		fundamental	aumento da compreensão e engajamento sobre vacinação.
Santos da Silva et. al. (2025)	Relato de experiência	Comunidades locais (UBS e escolas)	Palestras e visitas domiciliares; 44 doses aplicadas em um dia de ação; melhora da adesão vacinal.
Tinti, K; et. al. (2024)	Projeto de extensão	Escolas e UBS	Promoveu formação de multiplicadores; fortaleceu a relação entre equipes de saúde e comunidade.
Wardle & Derakshan (2021)	Revisão teórica	Global	Definiram o conceito de desordem informacional ( <i>information disorder</i> ), destacando a combinação entre desinformação e manipulação política.
Garcia & Massarani (2022)	Estudo Analítico	Comunicação científica	Demonstraram que a comunicação acessível e empática fortalece a confiança na ciência e reduz o impacto da desinformação.
Fiocruz (2022)	Relatório institucional	Brasil	Evidenciou o enfraquecimento da confiança pública nas vacinas e a necessidade de políticas permanentes de comunicação científica.
OPAS (2021)	Relatório técnico.	América Latina	Apontou a infodemia como ameaça global e propôs estratégias intersetoriais de enfrentamento baseadas em alfabetização midiática.
Pennycook & Rand (2023)	Estudo experimental em psicologia cognitiva	Redes Sociais	Demonstraram que o desenvolvimento da literacia científica e midiática reduz a disseminação de falsas informações e fortalece o pensamento crítico.



Esses resultados mostram que as *fake news* sobre vacinação não são casos isolados, mas se tornaram parte de um sistema informacional que afeta diretamente as escolhas individuais e coletivas. A pesquisa de Massarani et al. (2021) mostrou que o envolvimento com conteúdos sobre vacinas cresceu de forma exponencial durante a pandemia de COVID-19, sugerindo que o ambiente digital funciona ao mesmo tempo como fonte de informação e desinformação.

Durante a pandemia, redes sociais como Facebook, WhatsApp e Instagram se transformaram nos principais canais para a disseminação de informações sobre vacinas. Contudo, a falta de filtros científicos e a predominância de discursos políticos converteram o ambiente virtual em um terreno propício para a desinformação (OMS, 2023). Ao priorizarem conteúdos que provocam engajamento emocional, as redes sociais facilitam a propagação de informações sensacionalistas, frequentemente em prejuízo de dados verificados.

Segundo Wardle e Derakhshan (2021), as *fake news* se sustentam na combinação de *misinformation* (informação falsa sem intenção de enganar) e *disinformation* (informação deliberadamente manipulada). No caso das vacinas, o segundo tipo tem predominado, impulsionado por grupos que exploram politicamente a desconfiança científica.

A Fiocruz (2022) ressalta que, no Brasil, a desinformação está ligada tanto à fragilidade da comunicação institucional quanto à ausência de estratégias contínuas para a divulgação científica. Isso gera um abismo entre o conhecimento técnico e o conhecimento popular, aumentando a vulnerabilidade da população em relação a conteúdos questionáveis.

A desinformação tem um impacto direto na saúde pública. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021), a redução nas taxas de vacinação observada em diversos países da América Latina entre 2015 e 2022 coincide com o crescimento de desinformação e campanhas anticientíficas.

No Brasil, a reintrodução de doenças que haviam sido erradicadas, como o sarampo, é uma das consequências mais notáveis, juntamente com a diminuição nas taxas de vacinação contra poliomielite e HPV. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023) aponta a hesitação vacinal como uma das dez principais ameaças à saúde global,



destacando que a desinformação compromete o acordo social de proteção coletiva, sobretudo entre as populações com menor acesso à educação e informação.

Além das consequências na saúde pública, existem efeitos sociopolíticos. A propagação de notícias falsas agrava a polarização ideológica, causando desconfiança nas autoridades públicas e nos profissionais de saúde. Como apontado por Garcia e Massarani (2022), essa crise de credibilidade destaca a importância de restaurar o papel social da ciência como intermediária do bem comum.

As experiências analisadas nos estudos de Ramos et al. (2024) e Santos da Silva et al. (2025) demonstram que ações de educação em saúde são instrumentos poderosos no combate à desinformação. Atividades realizadas em escolas e comunidades, como palestras, rodas de conversa e oficinas interativas, promovem espaços de escuta, esclarecimento e confiança.

Ramos et al. (2024) relataram que a realização de oficinas de esclarecimento em escolas públicas resultou em expressiva melhora na compreensão dos alunos sobre os benefícios da vacinação. Já o projeto relatado por Santos da Silva et al. (2025) mostrou que intervenções diretas nas comunidades, aliadas a campanhas de imunização, aumentaram significativamente a adesão vacinal.

Essas medidas se fundamentam nos preceitos da educação dialógica, sugeridos por Paulo Freire (1987), que promovem a comunicação igualitária e o papel central do indivíduo no processo de aprendizagem. Essa estratégia é especialmente eficiente em situações de desinformação, já que converte o cidadão de receptor passivo em um agente ativo e envolvido na criação do conhecimento.

De forma análoga, a Universidade de Viçosa (2024) obteve resultados favoráveis com o projeto “Vacinação: Relato de Experiência no Combate à Desinformação”, que incluiu a capacitação de multiplicadores e a utilização de mídias comunitárias como ferramentas para a divulgação científica. A pesquisa revelou que o envolvimento social é um dos principais fatores de sucesso das iniciativas educacionais.

Os resultados convergem com a análise de Silva e Mendes (2024), segundo os quais o enfrentamento da infodemia requer o fortalecimento do letramento científico e midiático. Isso implica não apenas ensinar a população a reconhecer notícias falsas, mas também capacitá-la a compreender o funcionamento da ciência, o processo de



produção do conhecimento e a importância da vacinação como direito coletivo.

De acordo com Garcia e Massarani (2022), o conceito de letramento midiático diz respeito à habilidade de interpretar, analisar e criar mensagens de maneira crítica nos diversos meios de comunicação. Quando aplicado ao setor da saúde, ele promove o empoderamento informacional e auxilia na tomada de decisões informadas.

As experiências analisadas indicam que o letramento científico deve ser trabalhado de maneira interdisciplinar, integrando a escola, a universidade e o sistema de saúde. Essa abordagem permite enfrentar a desinformação de forma mais abrangente, considerando as dimensões cognitivas, emocionais e sociais envolvidas no ato de acreditar e compartilhar informações falsas.

Outro aspecto recorrente nos estudos revisados é o papel das instituições públicas e dos veículos de comunicação. A Fiocruz (2022) enfatiza que as instituições científicas precisam adotar uma postura mais ativa na comunicação com a sociedade, utilizando linguagem acessível e estratégias visuais que facilitem a compreensão das informações.

A OMS (2023) sugere que as campanhas de vacinação utilizem narrativas positivas e humanizadas, enfatizando histórias reais de superação e confiança. Essa abordagem tem se revelado eficiente para combater o medo e a desconfiança gerados pelas notícias falsas.

Em contrapartida, a mídia tradicional também tem um papel importante na verificação e disseminação de informações confiáveis. Entretanto, Wardle e Derakhshan (2021) enfatizam que o enfrentamento da desinformação exige uma estratégia colaborativa envolvendo jornalistas, pesquisadores e educadores, pois nenhuma instituição, por si só, consegue controlar a infodemia.

A síntese dos estudos analisados permite concluir que as estratégias de enfrentamento mais eficazes são aquelas baseadas em educação contínua, escuta comunitária e parcerias intersetoriais. As ações que combinam informação, diálogo e participação demonstraram impacto positivo na reconstrução da confiança social e na valorização da ciência.

Além disso, observa-se que o combate à desinformação sobre vacinas deve ser compreendido como uma política pública de longo prazo, articulada entre governo, instituições científicas e sociedade civil. O investimento em campanhas permanentes de



alfabetização científica e midiática, aliado ao fortalecimento do SUS como fonte legítima de informação, constitui um dos caminhos mais promissores para conter os efeitos da infodemia.

Por fim, destaca-se que o presente estudo contribui para o campo da comunicação em saúde ao reunir evidências de que a desinformação é um fenômeno que transcende a esfera digital, afetando dimensões éticas, sociais e políticas da vida coletiva. Assim, compreender e combater as *fake news* sobre vacinação é não apenas uma necessidade científica, mas também um compromisso social e humanitário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo possibilitou a compreensão de que a desinformação a respeito de vacinas representa um desafio complexo e duradouro para a saúde pública atual. As *fake news*, amplificadas pelo ambiente digital, têm minado a confiança da sociedade na ciência, prejudicado as campanhas de vacinação e contribuído para o retorno de doenças que antes eram controladas.

A revisão integrativa realizada mostrou que as estratégias educativas mais eficazes para lidar com esse fenômeno são aquelas que se baseiam na escuta ativa, no diálogo e no letramento científico e midiático. Os projetos de extensão, as ações intersetoriais e as práticas pedagógicas contextualizadas demonstraram ser eficazes na restauração da conexão entre ciência e sociedade, reforçando a autonomia informacional dos cidadãos e aumentando a adesão às vacinas.

Teoricamente, a pesquisa destaca a relevância de entender a desinformação como um problema social e comunicacional que demanda respostas éticas, interdisciplinares e contínuas. Na perspectiva prática, fica claro que investir em campanhas educativas constantes, reforçar as instituições científicas e capacitar profissionais em comunicação em saúde são ações fundamentais para mitigar os impactos da infodemia.

Uma das limitações deste estudo é a quantidade limitada de pesquisas empíricas nacionais e a variedade de métodos das pesquisas examinadas, o que dificulta a



generalização dos achados.

A conclusão é que o combate à desinformação sobre vacinas exige um esforço conjunto, apoiado por políticas públicas que integrem saúde, educação e mídia. Além de combater boatos, é fundamental restaurar a confiança pública na ciência, fomentando uma cultura social fundamentada em evidências, empatia e responsabilidade coletiva.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Imunizações: 50 anos de conquistas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vacinacao-imunizacao-pni/programa-nacional-de-imunizacoes-50-anos.pdf> Acesso em: 22 out. 2025.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Hesitação vacinal e desinformação no contexto pós-pandemia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/4fd2bf05-bdcd-4c67-9030-fc6236256759> Acesso em: 22 out. 2025.

GARCIA, L.; MASSARANI, L. **Comunicação científica e enfrentamento da desinformação**. Cadernos de Saúde Pública, v. 38, n. 4, 2022. Disponível em: <https://www.scielosp.org/j/csp/i/2022.v38n4/> Acesso em: 22 out. 2025.

MASSARANI, L.; LEAL, T.; WALTZ, I.; MEDEIROS, A. **Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19**. Liinc em Revista, v. 17, n. 1, p. 1–21, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5689> Acesso em: 22 out. 2025.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Managing the COVID-19 Infodemic**. Genebra: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation> Acesso em: 22 out. 2025.

O OMS. Organização Mundial da Saúde. **Infodemic Management: A Practical Guide**. Genebra: WHO, 2023. Disponível em: <https://ihrbenchmark.who.int/document/16c->



infodemic-management Acesso em: 22 out. 2025.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Comunicação e confiança: enfrentando a infodemia nas Américas.** Washington, DC: OPAS, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt>. Acesso em: 22 out. 2025.

RAMOS, P. L. F. et al. **Desmistificando a Vacinação: um relato de experiência.** Brazilian Medical Students Journal, v. 1, n. 3, p. 1–6, 2024. Disponível em: <https://revistas.ifmsabrazil.org/bms/article/view/552?articlesBySimilarityPage=1>  
Acesso em: 22 out. 2025.

SANTOS DA SILVA, I. et al. **Imunização e Informação: relato de experiência sobre a importância da vacinação na prevenção de doenças infecciosas e o combate à desinformação em comunidades locais.** Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 8, n. 18, p. 1–9, 2025. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2132>  
Acesso em: 22 out. 2025.

SILVA, F.; MENDES, T. **Educação em saúde e enfrentamento da infodemia: práticas pedagógicas e comunicação comunitária.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 48, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/i/2024.v48n1/> Acesso em: 22 out. 2025.

TINTI, K; et. al. **Projeto de Extensão Vacinação: relato de experiência no combate à desinformação.** Revista Univaco, v. 5, n. 2, p. 1–8, 2024. Disponível em: <https://revistaunivaco.emnuvens.com.br/revista/article/view/65/24>. Acesso em: 22 out. 2025.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making.** Council of Europe, 2021. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/freedom-expression/information-disorder> Acesso em: 22 out. 2025.